

RUBEM BRAGA

UMA CARTA

TOMÁS RIBEIRO COLAÇO, intelectual português há cerca de 18 anos exilado no Brasil, honra-me com uma carta a respeito de minha crónica sobre a prisão de escritores e professores de sua terra.

Nessa carta há um trecho interessante sobre uma ambição frustrada de Salazar. Passamos a palavra a Ribeiro Colaço:

«O dr. Salazar é um homem infeliz. É o mais conspícuo exemplo da frustração, e vive todos os agores da ambição irrealizada.

Todo o seu sonho era ser presidente da República; e não o deixaram. A «situação» nasceu e continua a ser uma ditadura militar. Alturas tantas chamou um técnico de finanças, e depois o foi deixando espraçar-se, e aparecer à pouco e pouco a todos como o «deus» daquela coisa. Quando morreu o general Carmona ele julgou chegada a hora do seu sonho; seria, enfim, o presidente. (A candidatura chegou a ser lançada em Lisboa sob o lema «o homem naturalmente indicado», no «Diário de Notícias»). Imprevistamente o exército moveu-se, para dizer que não. Foi preciso recolher as velas... E o desconhecido general Craveiro Lopes, desconhecido mas general, calhou ser o beneficiário daquele não.

O dr. Salazar começou o seu já longo sofrimento. Para cúmulo, o general Craveiro era pessoalmente simpático; as simpatias que colheu no Brasil (onde cometeu o crime de ser completamente omisso quanto ao seu «premier»...) acabaram de o condenar sem remissão no ânimo daquele a quem frustrara.

Reeleito? Nunca... Era preciso «eleger» o dr. Salazar. Como? Pareceu «providencial» que o general Humberto Delgado se dispusesse a candidatar-se. Abriam-se as comportas da liberdade até ao ponto de mostrar «perigo». Punham-se os policiais a atizar o fogo, a criar a desordem «conveniente». E assim, com a ditadura posta em perigo por um general, a única solução seria opor-lhe o «prestígio» direto do próprio dr. Salazar, que para salvar o barco faria o sacrifício de aceitar a candidatura. Mas o exército, uma vez mais, disse não. E para não opor general a general lembrou-se de que «fôrças armadas» incluem afinal a marinha. O almirante salvaria o barco.

Aqui tem como o mais demorado dos ditadores afinal sofre os desencantos que nenhum outro conheceu. E aqui em porque é que um homem inteligente parece ter deixado de o ser, prendendo, vexando, proibindo a Bevan a sua visita, cometendo erros de principiante trinta anos depois de ter principiado. A frustração azedou-o. A ideia de que não figurará afinal no «Quadro Sinóptico» ao fim da fila tão bem iniciada pelo D. Afonso Henriques — tira-lhe o sono e avinagra-lhe o bom senso».